

## FORJADA PELO FOGO: MEMÓRIAS DO COLONIALISMO, EM "CADERNO DE MEMÓRIAS COLONIAIS" (2009), DE ISABELA FIGUEIREDO

Ariane de Andrade da Silva (UERJ)<sup>1</sup> Cláudia Maria de Souza Amorim (UERJ)

Este artigo pretende uma leitura do livro Caderno de Memórias Coloniais (2009), de Isabela Figueiredo, sob a ótica da rememoração do período colonial permeada por um discurso pessoal, que discute questões relativas ao 25 de Abril de 1974. A narrativa, em tom autobiográfico, revela testemunhos e atravessa a infância de Isabela que, num diálogo póstumo com o pai, é a memória da segunda geração, filha de uma primeira geração que presenciou e experimentou o colonialismo, e que fora marcada pelo silêncio. Assim, espera-se discutir de que formas o desenvolvimento da personagem-protagonista se encontra atrelado ao contexto colonialista português e, como, nesse processo, a memória contribui na reconstituição do que foi.

Palavra-chave: Colonialismo, Identidade, Memória, Ficção Portuguesa.

O passado é sempre conflituoso. A ele se referem, em concorrência, a memória e a história, porque nem sempre a história consegue acreditar na memória, e a memória desconfía de uma reconstituição que não coloque em seu centro os direitos da lembrança (direito de vida, de justiça, de subjetividade). Pensar que poderia existir um entendimento fácil entre essas perspectivas sobre o passado é um desejo ou um lugar-comum. (SARLO, 2007, p.9)

Demarcada pelo período posterior ao 25 de abril de 1975, a literatura portuguesa envereda por um novo processo de escrita, em que as relações entre construção literária e percurso histórico se estreitam e se conectam intimamente. Por sua vez, nesse cenário, novas vozes, partindo das margens da nação, emergem e, ao se distanciarem de certa maneira do discurso historiográfico, é à memória que se fiam, por ser essa capaz de abarcar as percepções do sujeito, revelar fragmentos do passado e expor mazelas de um tempo pretérito. Ao escrever sobre episódios que viveu e testemunhou em sua infância cria-se uma esfera familiar e documental, em que a autora reúne textos independentes, resultado de um conjunto de fragmentos de memórias, oriundos de primeiras publicações em ambiente virtual, o seu blog "O mundo perfeito"<sup>2</sup>.

1055

<sup>&</sup>lt;sup>1</sup> Graduação, em modalidade sanduíche, em Letras-Literaturas, UFRRJ - UC (Universidade de Coimbra, Portugal). Mestranda em Literatura Portuguesa, UERJ. Contato: arianeandrade1991@yahoo.com.br

A narrativa, em tom autobiográfico, revela pequenos testemunhos e atravessa a infância de Isabela em Lourenço Marques, concomitantemente a vários momentos da história portuguesa, configurando-se, assim, como um registro, que se submete às recordações fragmentadas da autora-personagem-protagonista e revela traços de um Eu em processo de construção, que, sobretudo, conta a partir da experiência. Num diálogo póstumo com a figura do pai, Isabela é a memória da segunda geração, filha de uma primeira geração que viveu, presenciou e experimentou o colonialismo, e que fora marcada pelo silêncio. Aqui, numa narração em primeira pessoa, a autora ativa suas memórias e as incorpora ao discurso da narradora-personagem-protagonista que, ainda criança, está a descobrir o mundo ao passo que se encontra envolta nas amarras do colonialismo, para denunciar e livrar-se (d)os fantasmas do passado. Como resultado, a narrativa constrói-se como um desabafo, pois, ao relatar os males colonialistas, Isabela está também a relatar os males causados pelo próprio pai, estabelecendo com ele um diálogo póstumo. Assim, percebe-se que, na narrativa, história e ficção são discursos que, no presente, tentam resgatar o passado, desse modo, espera-se discutir, neste trabalho, os traços autobiográficos/autoficcionais presentes na narração e na tessitura do texto, assim como fomentar uma discussão sobre de que formas o desenvolvimento da personagem-protagonista se encontra atrelado ao contexto colonialista português e, como, nesse processo, a memória contribui na reconstituição do que foi.

## 2. Escritas de si: narração, memória e ficção

Ao longo destes anos, tenho assumido a missão de proteger a personagem do meu pai da fácil e tentadora diabolização que sobre ela é possível desenhar. Percebi que me cansei de o fazer. Compreendi que não posso controlar o que sobre ele é e será produzido. Existe o meu pai e a personagem. Fico com o primeiro. O *Caderno* existe por ele e para ele. Foi uma das minhas lições, e esta é a carta que quis deixar-lhe. (FIGUEIREDO, 2015, p.5)

Publicado em 2009, o "Caderno de Memórias Coloniais", da autora portuguesa Isabela Figueiredo, retoma a vivência de Isabela, nascida em Lourenço Marques, sua infância em Moçambique, ainda sob o domínio colonial, e seu solitário retorno a Portugal, país de seus pais, aos quase 13 anos de idade, após a Revolução de 25 de Abril. Nesse sentido, ao escrever sobre o que viveu e testemunhou quando criança, a

autora volta-se a eventos cruciais da história recente de Portugal e de Moçambique, e desnuda com suas memórias a situação colonial, a Guerra de Libertação, o 25 de abril de 1974, o 7 de setembro de 1974, a situação dos militares/retornados, entrecruzando as esferas pessoal e coletiva, afinal, "não havia olhos inocentes" (FIGUEIREDO, 2010, p.28).

Nesse viés, é possível notar que a narrativa preocupa-se com a viagem imóvel, interior ao ser e interessada na "exploração de si mesmo, através de infindáveis percursos na memória, ou de interrogações diversas" (MAGALHÃES, 1994, p.198). A narrativa de Figueiredo, traz a relevo a história da filha de um militar português, em missão nas terras coloniais, cuja a experiência de tal período de exceção deixou marcas e moldou, em grande medida, a identidade de ambos, ainda que de maneiras diferentes. Na narrativa, uma amadurecida personagem, retoma seu eu infante, afim de tentar perceber as mazelas desse tempo outro, mais propriamente as décadas de 1960-1970, vivido por ela e seus familiares, em Lourenço Marques, atual Maputo, em Moçambique, durante o findar do domínio colonial português. Desse momento, questões como o racismo, machismo, violência e exploração são evidenciadas, associadas à questão do regresso dos militares portugueses às terras lusitanas, mediante o fim do Império Português e as consequências desse retorno. Entretanto, o ato de retomada de um recorte específico do passado traz a relevo uma outra discussão, como nos alerta Margarida Calafate Ribeiro,

no pós-25 de Abril, a Guerra Colonial torna-se rapidamente um silêncio, algo que não era recomendável recordar publicamente, invisível e, portanto, reservada aos grupos directamente portadores da sua memória: os ex-combatentes e as suas famílias. (RIBEIRO, 2013, p.28)

Ao ficcionalizar seu passado, metonimicamente, recupera, também, o passado de parte da sociedade portuguesa, pois, ao falar de si, a autora se desdobra em sujeito e objeto, construindo-se no texto e com o texto. Sua escrita surge como um ato performativo, pois ao narrar sua experiência vivida, insurge a presença de um outro no enunciado, metáfora do povo português. Nessa narrativa, também e principalmente, do privado, "a narração da própria vida [surge] como expressão da interioridade e afirmação de 'si mesmo''' (ARFUCH, 2010, p.35).

O Caderno tem uma vida própria, quem lê reconhece, como se repente se abrisse uma janela e o vento trouxesse intacto o

ambiente do passado, descongelado, inteiro, autêntico, com seus ruídos, cores e odores; mas o livro também ficciona para dizer a verdade, esse outro grande paradoxo da literatura. Pode esperarse que os fatos relatados correspondam ao testemunhado, vivido e sentido, não que sejam um relato literal isento de trabalho literário. (FIGUEIREDO, 2015, p.4)

No excerto destacado, retirado de uma entrevista dada pela autora, nota-se uma questão genealógica, pois, ao construir-se a partir de um gênero autobiográfico da contemporaneidade, a narrativa de Isabela Figueiredo é passível de figurar no "espaço biográfico" tecnológico, preconizado por ARFUCH (2010). Em seu texto "O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea" (2010), Leonor Arfuch trabalha, dentre outras questões, com a ideia do avanço da midiatização como abertura do espaço privado, sobrepondo-se ao público, e, de fato, no trânsito entre mídia impressa e virtual, o que se nota no livro de Isabela Figueiredo é uma narrativa dividida em 43 partes que remetem a posts - publicações comuns a redes sociais, que compõem uma nova dinâmica de leitura. Assim, a primeira parte, intitulada "Palavras Prévias", incluída somente a partir da edição de 2015, exerce a função de preâmbulo do livro, em que uma voz narrativa em primeira pessoa, revela, "a um homem do passado", a quem está endereçado o texto que virá a seguir. Ao final da narrativa, segue-se, ainda, uma sequência de 5 posts - independentes e que não dialogam diretamente com o texto principal, intitulados e retirados de seu blog "O mundo perfeito", além de uma entrevista cedida à Angelus Novus, editora que publica a obra.

Nessa composição híbrida, avulta a presença de uma única voz narrativa, em primeira pessoa, não nomeada que, colocando-se como uma instância ficcional, performa a memória da autora, Isabela Figueiredo. Assim, apropriando-me das palavras de Ana Viegas (2007), "assistimos hoje a um 'retorno do autor', não como origem e explicação única da obra, mas como personagem do espaço público midiático." (VIEGAS, 2007, p.15). Nesse sentido, é possível perceber que:

essas narrativas ficcionais em primeira pessoa em que narrador e autor empírico se hibridizam pela presença de referências biográficas reiteram o trânsito entre vida e obra, atuações públicas do escritor e sua escrita. O que se verifica nesses textos não é a identidade entre personagem textual e a pessoa real, conforme expresso pelo 'pacto autobiográfico' (Lejeune, 1975), mas a construção tanto do narrador quanto do autor. (VIEGAS, 2007, p.19)

O *Caderno* está permeado, também, por fotografías do que parece ser a infância da personagem em Lourenço Marques, local que "*na década de 60 e 70 do século passado, era um largo campo de concentração com odor a caril.*" (FIGUEIREDO, 2010, p.23). Tais fotografías são momentos que apontam para fora do texto, referências extratextuais que aproximam leitor e autor empírico. As fotografías, unidas ao conteúdo do relato, corroboram uma dinâmica da autorrepresentação, em que, através da narração, é possível perceber o sujeito fragmentado e que se autorrepresenta, se desdobrando numa narrativa não linear, num relato com traços autobiográficos, em que

se verificam traços da biografia da autora empírica, expressadas na voz de uma instância



3

narrativa que se coloca em primeira pessoa.

Diziam-me que reagia com enorme violência. O facto de ter sido testemunha de uma série de acções que me pareciam erradas e não poder dizer nada sobre elas tornou-me uma pessoa violenta. A minha expressão é violenta, escrevo de forma violenta. **Não queria ficcionar, queria contar a verdade, a realidade com a crueza com que a vivi.** (FIGUEIREDO, 2009, grifo meu)

Da trama construída por "uma portuguesa que nasceu em Moçambique" (FIGUEIREDO, 2009), imersa num "mar de silêncios que (...) atinge a geração dos filhos", como nos afirma Calafate Ribeiro (2013), Isabela insurge como uma voz narrativa coletiva, que se opõe ao silenciamento patriarcal que a dominava e a fazia calar-se, para, então, abalar as estruturas colonialistas e rebelar-se contra o discurso hegemônico vigente. Assim, a personagem-narradora-protagonista volta-se a favor das vozes silenciadas pelo regime colonial, aos que "eram da minha terra, mas não podiam ser como eu. Eram pretos. Era esse o crime. Ser preto", afinal, naquele período "havia muito a fazer pelo homem negro, cuja natureza animal deveria ser anulada - para seu bem", e tudo era dado "com altruísmo ao preto bom, ao preto que nos vergava as

<sup>3</sup> FIGUEIREDO, 2010, p.20.

.

costas e a cabeça numa vénia, quando nos via, e que era simplesmente bom, um bom preto." (FIGUEIREDO, 2010, pp.52, 51 e 37, respectivamente).

Mas parece que isto era só na minha família, esses cabrões, porque segundo vim a constatar, muitos anos mais tarde, os outros brancos que lá estiveram nunca praticaram o colun..., o colonis..., o colonialismo, ou lá o que era. Eram todos conzinhos com os pretos, pagavam-lhes bem, tratavam-nos melhor, e deixaram muitas saudades. (FIGUEIREDO, 2010, p.49)

Note-se que a simulação da dificuldade em pronunciar "colonialismo" reflete uma negação a sua existência, movimento comum por parte dos brancos colonos, na tentativa de encobrir o real tratamento que davam aos negros. Nesse sentido, repare-se também na distinção entre 'eles' e 'nós', em que a narradora não se exime do rótulo de colonialista, do rótulo de exploradora de negros, pois uma desterrada "como [ela] é também uma estátua de culpa. E a culpa, a culpa, a culpa que deixamos crescer e enrolar-se por dentro de nós como uma trepadeira incolor, ata-nos ao silêncio, à solidão, ao insolúvel desterro." (FIGUEIREDO, 2010, p.134)

A narrativa constrói-se como uma traição da filha ao pai – "Esse pai a quem traí." (FIGUEIREDO, 2010, p.82), essa figura dual que transfigura-se ora na nação portuguesa, ora na própria imagem do colonialismo português em África. Traição porque ao relatar os males colonialistas, a personagem está também a relatar os males causados pelo próprio pai – extensão metonímica daquela. Nesse sentido, a dinâmica da alteridade na construção de si torna-se ainda mais evidente na sua relação com o pai, revelando sua fragmentação identitária.

O meu pai foi um mediador entre mim e a realidade. Eu conhecia a realidade através dele e do mundo que ele trazia até mim. Portanto só posso culpar o meu pai. O colonialismo é o meu pai, a discriminação é o meu pai, porque foi o meu pai que eu vi fazer isso. Eu andava sempre com ele. Ele gostava muito de mim, levava-me para todo o lado. A minha mãe não é parte activa nisto. Não culpo a minha mãe de nada. A minha mãe era a pessoa que me vestia, me penteava, que cuidava de mim, mas o meu pai era uma pessoa por quem eu tinha enorme admiração. Havia entre nós uma proximidade muito grande, um grande amor. Mas ele decepcionava-me com as suas acções. Eu não suportava ouvi-lo dizer coisas como "os pretos são uns cães". (FIGUEIREDO, 2009)

Nesse sentido, na infância da personagem em Moçambique, o machismo e o racismo dos colonos portugueses são metaforizados, principalmente, em sua relação tortuosa com o pai. A personagem-narradora conheceu o racismo associado ao colonialismo contra os negros em África e, também, esteve diante do massacre sofrido por seus familiares e demais portugueses no período pós-independência, em África e no retorno a Portugal. Na tentativa de repensar o passado e dialogar com a figura do pai, é a ele que Isabela dedica seu texto e, ao escrever em memória do seu pai, o trai, pois escreve sua própria verdade, em detrimento daquilo que a família lhe exigiu contar ao retornar as terras lusitanas, pediram-lhe "'Não te esqueças de contar.' (...)Defendem-nos, mas ninguém fala do que nos fazem os pretinhos... contas tim-tim por tim-tim os massacres de Setembro. Contas tudo o que nos aconteceu." (FIGUEIREDO, 2010, p. 79), no entanto "nunca entreguei a mensagem de que fui portadora." (FIGUEIREDO, 2010, p. 111).

Porque aquela terra, senhores, era do meu pai. O meu pai era todo o povo moçambicano. Sentia força e raiva, e espumou até ao último dia, recusando baixar a voz perante um negro, mostrar-lhe os documentos, as guias de viagem, tratá-lo por você, dar-lhe a mão em sinal de aceitação da sua autoridade. Com ou sem independência, um preto era um preto e o meu pai foi colono até morrer. (FIGUEIREDO, 2010, pp.97-98)

Num diálogo póstumo com a figura do pai, a personagem representa a memória da segunda geração, filha de uma primeira geração que viveu, presenciou e experimentou a colonização e que fora marcada pelo silêncio. Assim, ao ser silenciada, a Isabela é legada a memória de seu pai, desse modo, simboliza

a pós-memória ou a memória de segunda geração [que] surge, assim, como uma "herança" direta ou indireta de uma experiência traumática que, ainda que vivida por outro, teve reflexo na esfera privada ou familiar e, portanto, pode ser assumida como um legado explícito ou mediado e pode ser reelaborada a partir do "testemunho de um testemunho". (RIBEIRO, 2013, p.30)

A personagem-protagonista teve uma infância violenta, marcada por confrontos ideológicos com o pai, em que ela silenciava-se. Na tentativa de proteger a memória do pai, honrando um acordo tácito de silêncio, publica seu *Caderno de Memórias* apenas após o falecimento dele, dedicando-lhe a produção. Como desterrada, seu corpo "em guerra" (FIGUEIREDO, 2010, p.127), passa a ser sua morada, - "O meu corpo tornou-

se devagar a minha terra. Materializei-me nela, e todos os dias voltava ao anoitecer à minha terra, e dela saía de manhã." (FIGUEIREDO, 2010, p.87). Entretanto, seu próprio corpo se encontra dominado pelo poder que o pai exerce, enquanto personificação dos males coloniais.

Recebi todos os discursos de ódio do meu pai. Ouvi-os a dois centímetros do rosto. Senti-lhe o cuspo do ódio, que me custa mais do que o cuspo do amor, e enfrentei, olhos nos olhos, a sua raiva, a sua frustração, a sua torpe ideologia, e ouvindo, não disse nada, nem um assentimento, nem um músculo se mexeu, e eu, inteira, era um não. (FIGUEIREDO, 2010, p.117)

Entretanto, ela é reprimida por reproduzir uma conduta própria de seu pai - "Foder. O meu pai gostava de foder. Eu nunca vi, mas via-se" (FIGUEIREDO, 2010, p.17). No Caderno, nota-se como a sexualidade de Isabela está sempre associada a um momento violento, num dos momentos da narrativa, o contato que tem com o jovem vizinho negro, durante a brincadeira de 'foder', é brutalmente interrompido pelo pai. Tal violência a acompanha mesmo após deixar África, pois, ao chegar em Portugal, a menina logo percebe que, na terra de origem de seus pais, já há uma imagem construída acerca do que estava a ser a guerra colonial. Assim, para quem retorna, resta a perda da identidade portuguesa e a atribuição pejorativa, a alcunha de "retornado". A jovem, enquanto retornada, logo em seus primeiros contatos com os portugueses que não estiveram em cenário de guerra, recebe tal tratamento - "'Ah, não gostas de bofes com arroz? Andaste a roubar os pretos e julgas que havemos de te servir camarão num prato de ouro?"" (FIGUEIREDO, 2010, p.115).

Sozinha e com medo de represálias, mais uma vez a personagem volta ao estado de silêncio. Cala-se para integrar-se ao grupo que agora pertence, cala-se porque quer ser portuguesa e não retornada, cala-se ainda em nome de seu pai, em nome de uma espécie de legado colonial que ela mantinha salvaguardado como prova de respeito a ele. Portanto, na altura, nunca chega a entregar a mensagem da qual foi portadora, se mantém calada e não reproduz as inverdades exigidas pelos seus pais. Deixar África, assim como manter-se afastada dos pais por quase uma década, foi, entretanto, uma etapa fundamental no processo de formação da menina, pois "precisava de uma identidade. (...) de poder mostrá-la sem medo. Sou isto, pronto" (FIGUEIREDO, 2010, pp.102-103). Assim, se a princípio a mudança de contexto local poderia significar uma libertação das amarras colonialistas, logo Isabela percebe que o contexto de guerra a



persegue e ultrapassa qualquer outro limite territorial. Por fim, mediadora de um projeto de resgate às memórias e confronto à História, a autora Isabela Figueiredo cumpre missão de proteger a imagem do pai até o dia de sua morte, mas o grito que ressoava em seu peito tornou-se mais forte, e ela não pode mais silenciar sua voz, ela teve de contar a verdade, a sua verdade, ela teve de contar a verdade para que pudesse "levantar a cabeça" (FIGUEIREDO, 2010, p.118). Não mais silenciada, assume um papel social que difere da ordem patriarcal, em seu discurso liberto, ainda que parcialmente, traduz-se a nova percepção que têm da própria identidade, já agora reconstruída à luz de novos padrões.

## Referências bibliográficas

ARFUCH, Leonor. *O espaço biográfico*: dilemas da subjetividade contemporânea. Trad. Paloma Vidal. Rio de Janeiro: EdUerj, 2010.

FIGUEIREDO, Eurídice. *Mulheres ao Espelho*: autobiografia, ficção e autoficção. Rio de Janeiro: EdUerj, 2013.

FIGUEIREDO, Isabela. *Caderno de Memórias Coloniais*. Coimbra: Angelus Novus, 4ªEdição, 2010.

Caderno de Memórias Coloniais. Coimbra: Angelus Novus, 2015.
<i>Isabela Figueiredo:</i> "O colonialismo era o meu pai". [24 de dezembro, 2009]. Revista Ípsilon online. Entrevista concedida à Alexandra Prado Coelho. Disponível ema https://www.publico.pt/2009/12/23/culturaipsilon/noticia/isabela-figueiredo-quoto-colonialismo-era-o-meu-paiquot-247765. Acesso em: 30 de julho de 2017.

\_\_\_\_\_. 'Isto é a sério': uma conversa com Isabela Figueiredo. [03 de dezembro, 2009]. Revista Angelus Novus. Disponível em: https://angnovus.wordpress.com/2009/12/03/%C2%ABisto-e-a-serio%C2%BB-uma-conversa-com-isabela-figueiredo-i/. Acesso em: 01 de agosto de 2017.

JORGE, Silvio Renato. *As fotografias de um caderno*: passeio pelas memórias coloniais de Isabela Figueiredo. Rio de Janeiro: Revista Metamorfoses, 2015.

LEJEUNE, Philippe. *O pacto autobiográfico*: de Rousseau à internet. Belo Horizonte: Ed.UFMG, 2008.

MAGALHÃES, Isabel Allegro de. "Capelas imperfeitas: Configurações literárias da identidade portuguesa". In: RAMALHO, Maria Irene; RIBEIRO, Antônio Sousa (Orgs). *Entre ser e estar*: raízes, percusos e discursos da identidade. Coimbra: Edições Apontamento, 2001.

\_\_\_\_\_"Aquém e Além: espaços estruturantes da identidade portuguesa?". In: O sexo dos textos. Lisboa: Ed. Caminho, 1994. p. 187-206.

MARTINS, Catarina. "Deixei meu coração em África": Memórias colonias no feminino. Coimbra: Centro de Estudos Sociais - Universidade de Coimbra, 2009.

RIBEIRO, Margarida Calafate. *Os netos que Salazar não teve*. Rio de Janeiro: Revista Abril, Vol. 5, nº 11., 2013.

SARLO, Beatriz. *Tempo passado:* Cultura da memória e guinada subjetiva. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SOUZA, Maria Eneida. *Janelas Indiscretas*: ensaios de crítica biográfica. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

VIEGAS, Ana Cláudia. O "retorno do autor" - relatos de e sobre escritores contemporâneos. In: VALLADARES, Henriqueta do Couto Prado (org.). *Paisagens ficcionais:* perspectivas entre o eu e o outro. Rio de Janeiro: 7Letras, 2007, p.13-26.